

TEMAS E FONTES NOS CONTEÚDOS DOS PORTAIS GÊNERO E NÚMERO E REVISTA AZMINA: ASPECTOS DO JORNALISMO FEMINISTA

Vitória Schrederhof Ferreira[1]

Karina Janz Woitowicz[2]

RESUMO

Este trabalho, que integra os resultados de uma pesquisa de iniciação científica, propõe compreender a cobertura realizada pelos portais feministas *Gênero e Número* (2016) e *Revista Azmina* (2015) no período de 2022 a 2024 na colaboração para a criação de uma agenda feminista. Por meio da análise, foi possível identificar as pautas, as fontes e as abordagens dos veículos selecionados no tratamento de temas pertinentes aos direitos das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo com perspectiva de gênero, movimento feminista, jornalismo alternativo; jornalismo online.

A presente pesquisa tem o intuito de mostrar a prática do jornalismo com perspectiva de gênero nos portais feministas brasileiros *Gênero e Número* (2016) e *Revista Azmina* (2015) por meio da análise de suas produções. As mulheres nunca ocuparam uma posição de igualdade na mídia, mesmo que desde os primórdios o jornalismo tenha o papel de tratar as causas sociais, intelectuais e políticas de toda a sociedade. Segundo à autora Maíra Kubík T. Mano (2017, p.12), “a mídia seria, sob essa perspectiva, um espaço de reprodução da desigualdade construída entre homens e mulheres, que inferioriza as mulheres, de diferentes maneiras e em diferentes escalas, modelando a maneira como são vistas e tratadas no mundo público e em suas casas”. Nos veículos de comunicação hegemônicos, as mulheres só costumam ser protagonistas quando são: artistas, políticas, parentes de famosos ou estão em situação de vulnerabilidade, como quando sofrem alguma violência. Não são apenas as mulheres que são excluídas da grande mídia, as comunidades LGBTQIA+, negra e indígena, acabam por sofrer dessa mesma situação. Por isso, veículos alternativos surgem como forma de repensar a prática jornalística e produzir outras narrativas, voltadas aos direitos das mulheres e das minorias.

[1] Estudante de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Foi bolsista de iniciação científica pelo CNPq/UEPG. E-mail: vicksferreira18@gmail.com

[2] Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. E-mail: karinajw@uepg.br

Nesta pesquisa, será explorada a atuação dos portais feministas e de gênero *Revista AzMina* e *Gênero e Número*, a partir de uma seleção de conteúdos publicados no período de que compreende os anos de 2022 a 2024. Ambos os sites são nativos digitais e possuem diversas produções próprias, em vários formatos, dando visibilidade a relatos de leitoras(es) e vozes. A presente pesquisa também aborda o histórico de invisibilidade das pautas feministas na sociedade, e como as mulheres conseguiram se inserir no jornalismo, conseguindo diversos avanços por meio da criação de veículos alternativos feministas e movimentos de resistência. Para contribuir com as pesquisas sobre Jornalismo e Gênero foram introduzidos artigos científicos e livros que contextualizam a mídia alternativa feminista. Após essa etapa, foi realizada a análise dos conteúdos dos sites feministas brasileiros selecionados para identificar as suas contribuições com a discussão de gênero. A Revista AzMina é um veículo jornalístico alternativo focado nas questões de gênero, que surgiu em 2015 por meio de um financiamento coletivo. A empresa social Gênero e Número, como se classifica, foi criada em 2016, é uma associação de mídia independente que traz produções e análises sobre dados especializados nos assuntos de gênero, sexualidade, raça e na garantia dos direitos das mulheres, comunidade negra, indígena e LGBTQIA+. Dentre os diversos temas que ambos os sites proporcionam, foram filtrados os seguintes segmentos: Política, Violência e Aborto. Estes temas foram escolhidos por serem abordados em ambos os sites. Destes, foram analisadas 23 matérias do portal *Revista Azmina* e 18 do site *Gênero e Número*, selecionados no período de 2022 a 2024. Para prosseguir a pesquisa, a análise levou em consideração os respectivos recortes: quem escreveu a matéria, fontes, conteúdo, localidade (casos brasileiros e de países latino-americanos). Em relação às fontes, a pesquisa se baseou na fundamentação da obra “Fontes de Notícias: Ações e estratégias das fontes no jornalismo”, de Aldo Antonio Schmitz, que apresenta a seguinte classificação: a) Especializada: “Trata-se de pessoa de notório saber específico (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido” (SCHMITZ, 2011, p. 26); b) Institucional: “É quem representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social” (SCHMITZ, 2011, p. 25); c) Anônima (off): “Entre o jornalista e a fonte se estabelece uma relação de confiança que pode incluir o compromisso do silêncio quanto à origem da informação” (SCHMITZ, 2011, p. 30); d) Identificada (on): “A identificação correta das fontes - nome, status, profissão, cargo, função ou condição e a quem representa” (SCHMITZ, 2011, p.

29); e) Testemunhal: "Funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora" (SCHMITZ, 2011, p. 26).

A *Revista AzMina* (2015) possui uma equipe totalmente composta por mulheres, desde jornalistas, designers, mulheres negras, indígenas e feministas. Entre as pautas tratadas pelo portal estão: questões das mulheres, raça/ etnia, classe, identidade de gênero e orientação sexual. O site tem a intenção de trazer um conteúdo totalmente diferente da representação dada aos assuntos de gênero na mídia. “Entendemos que esse posicionamento da mídia em relação às mulheres não apenas reflete, mas também reforça, a violência contra a mulher, além de manter ideias sexistas e estereótipos nocivos” (AZMINA, 2015). O site segue em seu jornalismo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e o Manual de Jornalismo Humanizado do portal *Think Olga*. Entre as propostas de conteúdo do site estão: trazer projetos que informem e sensibilizem as pessoas e lideranças sobre a garantia do direito das mulheres; conteúdos que explorem a questão do autoconhecimento e autoestima das mulheres para que se tenham mudanças relacionadas à igualdade de gênero e raça. Sobre as fontes, o site tem como foco trazer vozes de diversas raças e etnias, orientações sexuais, territórios, classes e ideologias, em especial mulheres. A missão do site é entregar notícias que conscientizem a sociedade no enfrentamento da desigualdade de gênero e outras repressões. Com foco nas mulheres, o site visa lutar contra as violências que estas enfrentam no cenário brasileiro, desde questões de trabalho, raça e orientação sexual (AZMINA, 2015). A *Revista AzMina* também está inserida nas redes sociais como o Facebook, WhatsApp, o aplicativo X (antigo Twitter), Instagram e Youtube, possuindo diversos seguidores e conteúdos nas plataformas. Nos dados coletados para a pesquisa, 14 das 23 matérias tratam do tema Política; enquanto 5 matérias correspondem ao Aborto e 3 sobre Violência; no total, 6 dos 23 conteúdos abordam países da América Latina.

Em relação ao conteúdo das matérias, se notou a presença de linguagem formal jornalística, todas as matérias vistas foram escritas por mulheres, com exceção de uma que foi escrita por um jornalista. Todas as matérias abordaram pautas quentes como o período eleitoral de 2022, discussão de PLs que favorecem e desfavorecem causas femininas, direitos reprodutivos e igualdade de gênero. Também há relatos sobre a questão do aborto tanto no Brasil quanto em países latino-americanos e discussão sobre problemas em relação à questão de gênero identificados no Brasil. Sobre as fontes, se

tem uma grande presença de fontes especializadas mulheres, como cientistas sociais, pesquisadoras, médicas e políticas. Depois, em menor quantidade, a aparição de fontes identificadas como mulheres trans, ativistas de organizações e professoras, que optaram por se identificar ao falar do assunto. E algumas fontes anônimas, que preferiram não se identificar por questões de segurança ou opção própria. Quase exclusivamente o site traz apenas fontes femininas, com raras exceções que se tem fontes masculinas.

A empresa social Gênero e Número (2016) traz que sua missão é “analisar e visibilizar dados que revelam desigualdades para qualificar o debate sobre questões de gênero, raça e direitos” (GÊNERO E NÚMERO, 2016). A associação também preza pela entrega de dados de qualidade sobre a questão de gênero no país, a fim de conscientizar a população sobre os embates de gênero presentes na sociedade. O portal conta com um time de 10 pessoas, em que 9 são mulheres e há a presença de um homem na equipe. Entre os conteúdos do site há produções audiovisuais, reportagens, entrevistas, artigos, dados, republique, todos encontrados em abas na plataforma do site. Os temas explorados no portal são: Ciência, educação & cultura; Direitos reprodutivos; Indígenas; LGBTQIA+; Política; Saúde, Trabalho e Violência. A Gênero e Número também está inserida nas redes sociais como o Facebook, Instagram, Linked In, X e WhatsApp. Entre os dados analisados nas matérias do site, das 18 notícias selecionadas, 10 foram sobre Política, enquanto 5 foram sobre o Aborto e 2 abordaram Violência. No total, 7 das 18 matérias abordam países da América Latina. Sobre as características dos conteúdos, há uma linguagem formal jornalística nos textos, e diferente da Revista Azmina, se tem um maior foco em trazer dados para compor as matérias, sendo uma característica do site que é especialista em jornalismo de dados. Os textos são mais curtos que os do outro portal, trazendo uma leitura mais ágil. Todos as matérias lidas para a análise foram escritas por mulheres. Referente ao conteúdo das notícias se têm ênfase em mulheres ocupando espaços no cenário político brasileiro e de outros países latino-americanos, eleições de 2022, PLs sobre direitos reprodutivos e lei de paridade política. Há também forte presença de discussões sobre o aborto, desde o progresso da pauta em alguns países, como a matéria “O aborto legal no SUS da Argentina” para o retrocesso vivido no Brasil em relação ao assunto. Em relação à violência, se fala sobre a de gênero e física ocorridas no Brasil, com números coletados de pesquisas feitas pelo site. Referente às fontes o site possui “fontes

especializadas" como: advogadas, pesquisadoras, assistentes sociais, médicas e políticas. Depois, em menor quantidade, fontes identificadas como: ativistas e pessoas que relatam suas histórias. Há casos de fontes anônimas, que por questões de segurança e por opção própria não quiseram se identificar em suas falas. Assim como o outro site, Gênero e Número traz apenas fontes femininas, com pequenas exceções de fontes masculinas.

Por meio dos dados coletados de ambos os portais, foi possível estabelecer que os dois sites tratam de questões similares como violência, política e aborto. Também há a presença da comunidade negra, LGBTQIA+ (especialmente transsexuais) e indígena, que garantem diversidade ao conteúdo publicado. A discussão política sobre PLs que favoreçam os direitos femininos, reprodutivos e a igualdade de gênero é tematizada em ambos os sites. A abordagem do cenário brasileiro sobre o aborto e a política, em especial o conservadorismo presente no país, em que poucas mulheres ocupam cadeiras na bancada brasileira e a descriminalização do aborto, figuram como assuntos centrais. Os dois veículos alternativos apresentam conteúdos voltados à luta pela igualdade de gênero, classe e racial, tratando de pautas feministas, indígenas, LGBTQIA+ e da comunidade negra. As fontes anônimas e identificadas também podem se encaixar na classificação de testemunhal, pois sempre tratam de trazer um testemunho sobre suas experiências e vivências. Como na matéria "Trans: Latinas: por um feminismo inclusivo" da *Revista Azmina*, há diversos testemunhos de mulheres transexuais latinas. Os portais fizeram uma reportagem em conjunto com o *Portal Catarinas*, intitulada "Do medo ao alívio: acompanhantes transformam experiências de aborto na América Latina", que trata de redes de apoio na América Latina que ajudam mulheres durante o processo de aborto. Pode-se perceber que a *Revista AzMina* é mais focada na discussão e propagação de informações relacionadas às mulheres, enquanto o *Gênero e Número* foca em dados relativos à questão de gênero e à comunidade negra. Ambas discutem as desigualdades vividas pelas mulheres na sociedade, tendo milhares de leitores/as e seguidores/as engajados, que acompanham e apoiam o trabalho desses dois meios alternativos brasileiros. Os dois atingem um público vasto do território brasileiro, não focando apenas em uma região. Nas redes sociais por exemplo, o perfil da *Revista Azmina* (@revistaazmina) alcança 123 mil seguidores, enquanto *Gênero e Número* (@generonumero) possui 45,5 mil seguidores. Os sites trazem visibilidade aos relatos de seus seguidores/as, dando espaço para assuntos de interesse da

comunidade. Nesses ambientes, as pessoas marginalizadas podem consumir um conteúdo de qualidade sobre questões sociais, sendo um espaço seguro, já que os sites repudiam todas as formas de opressão e falta de respeito.

Os portais também migraram para as plataformas digitais para dobrar seu alcance e espalhar seu conteúdo em uma era digitalizada como a atual. “A cibercultura permitiu espaços para estas mobilizações e fez com que as interações sociais pudessem acontecer com maior facilidade e amplitude pelo uso das ferramentas digitais para a prática compartilhamento de informações e mobilizações” (MIGUEL; SANTOS, 2018, p.94). Os dois veículos prezam pela transparência e comunicam eventuais erros em seus conteúdos, pedindo para os seus seguidores/as relatarem caso haja informações erradas em suas produções. Essa abertura com a população faz com que os sites disponibilizem formas de contato, para se aproximarem mais do seu público e manterem uma interação frequente com estes. O público pode ajudar esses portais por meio do financiamento de projetos, porém todo o conteúdo é gratuito. Como veículos alternativos, os dois prezam pela ética e o bom jornalismo, checando fontes, informações, corrigindo erros e sempre entregando conteúdos diversos e de qualidade. Os temas discutidos pela revista e pela associação são parecidos, possuindo editorias em comum como a questão da violência, saúde e política. Eles possuem uma trajetória no ambiente digital e com isso construíram uma imagem de credibilidade e estão engajados em trazer um conteúdo de qualidade, em defesa da igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

MANO, M. K. T. De um jornalismo sexista a um jornalismo com perspectiva de gênero. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.21 n.39, p.9-20, jul./dez. 2017. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/35874. Acesso em: 21 set. 2024.

Schmitz, A. A. **Fontes de notícias**: ações e estratégicas das fontes no Jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

MIGUEL, Katarini; SANTOS, Letícia de Faria Ávila. Transformações do jornalismo e relações de gênero: análise do ciberfeminismo midialivrista dos portais AzMina e ThinkOlga. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo; MARTINEZ, Monica (Orgs.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo.** São Paulo, SP: Life Editora, 2018. p. 89-104.